



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ANNYELI DOS SANTOS LIMA

**AFETO COMO FRUTO NA REPRESENTATIVIDADE DO BAOBÁ: UMA LEITURA
DO CONTO *O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS* DE MIA COUTO**

**GUARABIRA
2017**

ANNYELI DOS SANTOS LIMA

**AFETO COMO FRUTO NA REPRESENTATIVIDADE DO BAOBÁ: UMA LEITURA
DO CONTO *O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS* DE MIA COUTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

Área de concentração: Historiografia, Literatura e Mídia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima.

**GUARABIRA
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732a Lima, Annyeli dos Santos .
Afeto como fruto na representatividade do Baobá
[manuscrito] : uma leitura do conto O embondeiro que sonhava
pássaros de Mia Couto / Annyeli dos Santos Lima. - 2017.
25 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima,
Coordenação do Curso de História - CH."

1. História e Literatura. 2. Baobá. 3. Ancestralidade. 4. Mia
Couto.

21. ed. CDD B869.3

ANNYELI DOS SANTOS LIMA

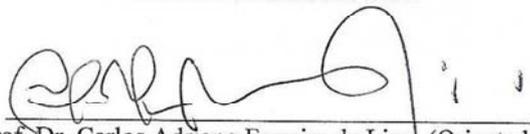
Afeto como fruto na representatividade do Baobá: uma leitura do conto *O embondeiro que sonhava pássaros* de Mía Couto

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

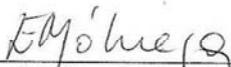
Área de concentração: História e Mídia.

Aprovada em: 07/12/2017.

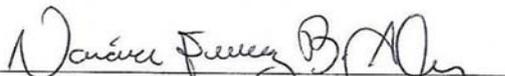
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Naiara Fetraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido orientador, Carlos Adriano, pela compreensão, paciência, pelas trocas de afeto, pelas imensuráveis experiências vividas, e por aumentar minha potência de agir a cada encontro durante a graduação. As palavras não são suficientes para agradecê-lo.

A todos os meus familiares que estiveram presentes na minha passagem pelo curso, especialmente à minha avó Margarida, minha mãe Cristina, meu irmão Alysson, minha irmã Aline e minha tia Cristiane. A meu pai Alomir, pelos ensinamentos na infância. E aos que também não estiveram presentes, pelas boas energias que me foram passadas em ancestralidade.

Ao meu maravilhoso parceiro da vida, Cleiton, por toda dedicação e apoio, pelo cuidado e preocupação, pela força e compreensão durante o processo de escrita e em todos os momentos que temos vivido juntos, e por todo amor que aqueceu meu ser nos momentos em que pensei que não conseguiria prosseguir.

Às minhas amigas Suelânia e Brenna, que nos momentos mais difíceis estavam perto para me consolar e me dar guloseimas! A Eryc, pela leal amizade e companheirismo.

A meus sobreviventes e companheiros de curso, pela troca de saberes e afetos ao longo da graduação, especialmente, Amanda e Edilane, pelas tardes de conversas produtivas sobre os mais diversos e exóticos assuntos, e por gastarem meu estoque de risos. Sem vocês duas a vida acadêmica teria sido muito mais pesada.

A Alexandre, por estar sempre presente para me ajudar, pelo carinho, pelos aprendizados que trocamos e pelas produtivas caronas de ônibus todas as noites, és um ser maravilhoso. A Alex, por ser o melhor ouvinte da terra e por dar gargalhada dos meus presepes, sem medidas. Tu ganhaste um lugar quentinho no meu coração. A Wellington e Lailton, por serem os melhores parceiros de monitoria que podem existir, vocês são fodásticos. A Velbiane, Sandra e Rafeale, por todo apoio e por serem minhas incentivadoras e modelos de inteligência, sem vocês a graduação seria incompleta. A Carla, por ser minha guardiã mesmo de longe, por sempre me dar apoio em momentos de tensão. A senhorita não faz ideia do quanto seu alto astral me ajudou. A Valber, pela prestatividade e por iluminar as tardes na universidade. Vocês foram importantes colaboradoras em meu desenvolvimento e terão lugar em meu coração nesse espaço de tempo que é a vida.

A todos professores e professoras com quem tive contato na graduação, principalmente ao maravilhoso Departamento de História do Campus III da UEPB; a Auricélio pelo incentivo e por despertar em mim o desejo de ler Allan Poe; e às mulheres

maravilhosas, Susel Oliveira, Elisa Mariana e Jussara Costa, que me inseriram nos estudos subalternos nos quais aprendi novas formas de ver o mundo.

“Inquirido sobre sua raça, respondeu:
— *A minha raça sou eu, João Passarinheiro.*
Convidado a explicar-se, acrescentou:
— *Minha raça sou eu mesmo. A pessoa é uma humanidade individual. Cada homem é uma raça, senhor polícia*” (Mia Couto, 2013).

“Ubuntu [Existo porque nós existimos]” (Ditado africano).

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 MIA COUTO E O BAOBÁ	10
2.1. Ultrapassando preconceitos de raça: árvore que transcende	15
2.2. Existências que alegram	17
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
ABSTRACT	20
REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS.....	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21

AFETO COMO FRUTO NA REPRESENTATIVIDADE DO BAOBÁ: UMA LEITURA DO CONTO *O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS DE MIA COUTO*

Annyeli dos Santos Lima¹

RESUMO

A partir de um diálogo entre História e Literatura, o trabalho a seguir tem como objetivo identificar as formas de representação do baobá e os afetos ligados a ele, na obra literária do escritor moçambicano Mia Couto, *O embondeiro que sonhava pássaros* (2013), que é envolta por valores socioculturais de Moçambique. Para tanto, partiremos de uma análise histórica dos aspectos colonizadores presentes no enredo da obra, identificando as bases nas quais se formaram os pensamentos colonialistas que construíram uma imagem inferiorizante dos povos nativos do continente africano, como também das marcas deixadas pela independência tardia de Moçambique, aspecto que também permeia o contexto da obra. Sabe-se que o baobá é sacralizado pela relação com o sagrado e por sua ancestralidade, assim, explanaremos as forças das quais a árvore é possuidora. Faremos uma breve análise da simbologia que envolve as palavras, e que confere significados a elas. Entende-se a necessidade do afeto para a construção escrita, existindo a visualização do ato de sentir como necessário para a construção historiográfica, que sempre parte de um lugar social de fala.

Palavras-Chave: História e Literatura. Baobá. Ancestralidade. Mia Couto.

1 INTRODUÇÃO

O artigo tem sua gênese pelas pesquisas, inquietações em algumas aulas do componente curricular de História Moderna durante a graduação, e no projeto de extensão *Leitores e leituras das traduções de O pequeno príncipe no Brasil (1954-2016)* do qual fui monitora, ambos ministrados pelo professor Carlos Adriano Ferreira de Lima na Universidade Estadual da Paraíba, localizada na cidade de Guarabira/PB. Os temas da extensão giraram em torno da obra de Antoine de Saint-Exupéry, *O pequeno príncipe* (1946), em suas traduções para o português brasileiro, dentre os encontros alguns dedicados a simbologia dos temas, observei à presença dos baobás que para além da presença no livro é considerada uma árvore sagrada, símbolo do continente africano. Ao apreender a ancestralidade e a força conferidas ao baobá, pude percebê-lo enquanto componente histórico para a formação da noção de

¹ Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: annyelilima@gmail.com

sagrado para os povos africanos. Por muito tempo a visão generalizante a respeito do continente africano predominou e, a partir da colonização europeia, tais visões foram ainda mais disseminadas, remetendo ao primitivo e subdesenvolvido. Muitas pessoas não refletem a respeito de que a visão sobre o outro é apenas uma versão, e que na maioria das vezes, o chamado Outro não se reconhece nos moldes em que são percebidos por pessoas de fora da sua realidade. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007) acredita ser tarefa dos/as historiadores/as derrubar “o insigne que há nas versões hegemônicas da memória dos vencedores e enfiando nesta memória o ordinário, o menor, o pequeno, o abandonado; relegando a memória estabelecida às moscas” (p. 86).

Nesse sentido, houve o interesse de abordar uma das diferentes visões sobre a cultura africana, no intuito de desconstruir as visões essencialistas predominantes. A historiadora Joan Scott faz uma crítica aos modos categorizantes do fazer historiográfico, ou seja, ao modo como alguns ramos da historiografia categorizaram e categorizam os sujeitos. Essa forma de colocar os sujeitos em categorias, descrevendo-os, relativiza-os e solidifica o processo ideológico de sua construção, excluindo assim suas particularidades. Ao classificar um sujeito como negro, por exemplo, estaríamos excluindo como ele foi classificado como tal. A forma mais viável, segundo a autora, seria a de questionar as bases de como a categoria de negro enquanto constructo social foi instituída.

O fato é que negro nunca constituiu uma identidade dada. Sempre foi uma identidade instável, psíquica, cultural e politicamente. É também, uma narrativa, uma história. Algo construído, contado, dito, não simplesmente encontrado. As pessoas hoje falam da sociedade da qual eu venho de maneiras totalmente irreconhecíveis. É claro que a Jamaica é uma sociedade negra, eles dizem. Na verdade, é uma sociedade de negros e mestiços que viveram ali por trezentos ou quatrocentos anos sem jamais falarem de si próprios como negros. Negro é uma identidade que precisou de ser aprendida, e só pôde ser aprendida em um determinado momento. (Stuart Hall, apud SCOTT, 1998, p. 319).

A elaboração da suposta superioridade de uma raça sobre outra, por exemplo, surgiu por meio de pesquisas interessadas, muitas vezes modificadas para chegar ao resultado desejado, movida por bases eugênicas que sugeriam que, por meio de pesquisas científicas, poderiam provar que pessoas não-brancas seriam inferiores a pessoas brancas e que mulheres seriam inferiores a homens. A eugenia foi considerada ciência, e produziu técnicas que levaram ao desenvolvimento de estratégias sociais de exclusão e inferiorização desmedida de diversos povos.² Propusemos então, o questionamento das bases que caracterizam os aspectos

² Para ver detalhadamente o surgimento da eugenia e sua instauração na América, ver STEPAN (2005).

culturais africanos como míticos, inferiores, e por muitas vezes demonizados, e que essas visões são uma construção a partir do olhar colonialista.

A proposta central do trabalho consiste na análise da representação do baobá na literatura, para nosso estudo de caso, recorreremos ao conto *O embondeiro que sonhava pássaros* de Mia Couto (2013), destacando no enredo aspectos que podem ser historicizados, como as problemáticas de preconceito étnico, colonização, manifestações sociais e culturais, por exemplo. As pesquisas no Brasil envolvendo o baobá ainda são escassas, no entanto, faz-se necessário o interesse pelo tema, pelas questões de conceitos pré-concebidos acerca da cultura africana, citadas mais acima. Embora exista uma satisfatória quantidade de baobás pelo país, tal árvore ainda não é vastamente conhecida. Pernambuco é o estado brasileiro onde mais foram encontradas árvores da espécie, havendo 19 catalogadas.

Para que tal objetivo pudesse ser, pelo menos em parte, alcançado, foi considerada a afirmação de Antoine Compagnon (2009) acerca da divisão criada entre ciência e literatura na França, mas que podemos trazer à nossa realidade: como um “exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo” (p. 26), afirmações semelhantes a essa receberam críticas por longos períodos. O autor ainda acrescenta que a literatura é detentora de um poder moral, “o conto, a quimera, a ficção, educam moralmente” (COMPAGNON, 2009, p. 31). No tocante às relações entre História e Literatura, Sandra Pesavento nos diz que “o historiador se vale do texto literário não mais como uma ilustração do contexto em estudo, como um dado a mais, para compor uma paisagem dada. O texto literário lhe vale como porta de entrada às sensibilidades de um outro tempo” (PESAVENTO, 2007). Os valores de quem produz literatura estão inscritos nas produções, e podem ser ressignificados a partir do tempo histórico de quem as lê. Ao analisar documentos históricos, o historiador deposita na análise sua subjetividade, características críticas de seu tempo, pois não existe fazer historiográfico neutro ou imparcial, como almejavam os positivistas. A narração do passado tal como ocorreu é, portanto, impossibilitada, como afirmou Sabrina Loriga inspirada em Paul Ricoeur, “sempre incompleto, o conhecimento histórico fundamenta-se sobre a renúncia em coincidir com a realidade passada” (LORIGA, 2012, p. 256).

Foi feita a escolha de iniciar a análise a partir da simbologia, para compreender os signos nos quais a árvore se insere. A opção de metodologia para escrita foi baseada na desconstrução da já mencionada ideia do fazer historiográfico neutro, visto que a linguagem também é um meio usado para a exclusão de indivíduos, como afirma Jorge Larrosa Bondia:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamento, mas com palavras [...]. E pensar não é apenas “raciocinar ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (BONDIA, 2002, p. 21).

Na perspectiva nietzscheana, os pensamentos são signos de um jogo de afetos, e em cada pensamento habita um afeto (WOTLING, 2003, p. 08). Em concórdia com essa afirmativa, no sentido de que ao pensarmos e exteriorizarmos nossos pensamentos estamos produzindo resultado de algo que nos afeta, Michel de Certeau (2010) afirma que a produção historiográfica está ligada ao lugar social de quem a produz, e é a partir deste lugar que os interesses da pesquisa se delineiam. A partir de tais afirmações, digo que a seguinte pesquisa é resultado de uma rede de afetos e de memórias, a partir de meu lugar social como mulher negra, estudante de instituição pública, habitante de um lugar periférico no planeta terra; reduzida à partícula mínima na imensidão que é o universo.

2 MIA COUTO E O BAOBÁ

O baobá (figura 1) é uma árvore pertencente ao gênero *Andasônia*, que é originário de Madagascar, mas também tem como *habitat* o continente africano e a Austrália. Conhecida por suas dimensões em altura e largura, a árvore pode atingir “30 metros de altura e 7 de circunferência” (WALDMAN, 2011, p. 01), e algumas alcançam diâmetro incrivelmente maior. Dentre suas qualidades principais está a utilidade: seu tronco serve para armazenar água, chegando a comportar aproximadamente 120.000 litros; a casca é alimento para animais de grande porte; a madeira é de boa qualidade para fazer instrumentos musicais; as folhas, sementes e frutos são comestíveis, sendo os frutos ricos em vitamina C e cálcio (WALDMAN, 2011). Rashford (1994) utiliza a denominação de *monkey-bread tree*, pois os frutos servem de alimento para os babuínos. Mais conhecidos como múkua (figura 2), tais frutos são de cor esbranquiçada em seu interior, tem sabor ácido e ao mesmo tempo adocicado, e além de alimento serve também para o uso medicinal.



Figura 01: Avenida dos baobás, patrimônio cultural de Madagascar.

Fonte: **Lugares fantásticos** [blog]. Disponível em: <<http://jp-lugaresfantasticos.blogspot.com/2012/05/avenida-dos-baobas-madagascar.html>> Acesso em 15/11/2017.



Figura 02: Múkua, o fruto do baobá. Colhido de um baobá na cidade de Recife.

Fonte: Acervo pessoal do artista maranhense Layo Bulhão (Reprodução autorizada).

Sua flor (figura 3) é grande e floresce virada para baixo, é caracterizada por seu cheiro forte, descrito por muitos como parecido com carniça. É uma caducifólia, pois permanece sem folhas em determinadas épocas, e a partir dessa característica surgiram lendas a respeito da planta, sendo mais predominante a de que ela foi virada de cabeça para baixo pelos deuses. Em Chevalier e Gheerbrant (1986), a árvore invertida é “un ideograma que simboliza el cosmos. [...] Platón habría afirmado que el hombre es una planta invertida, cuyas raíces se extienden hacia el cielo y las ramas hacia la tierra” (p. 123). Além da utilidade material, o baobá é símbolo de ancestralidade e muito respeitado pelas populações tradicionais nativas do continente africano, seu valor simbólico é marcado pelo sagrado, sendo assim, permeado de valores sociais, como descreve Waldman (2011):

sob a copa do Baobá se reúne o conselho de anciãos, atuam os contadores de história, as pessoas fofocam e os namorados se encontram. A árvore é o palco de acertos e desacertos, onde as pessoas se unem e se separam. Seja lá o que for, o Baobá testemunha tudo o que de importante acontece na aldeia. Cenário por excelência dos eventos marcantes da comunidade, o Baobá se torna eixo da vida social (p. 02).

Pode ser percebida então a força simbólica que o baobá possui. Em alguns lugares, para poder se aproximar da árvore é necessário jogar uma moeda rente ao tronco. Para que seu tronco possa servir como cisterna de água, não é qualquer pessoa que pode manuseá-lo, mas uma espécie de curandeiro, geralmente já velho, pois existem uma série de ritos a serem cumpridos durante o processo de fabricação, como por exemplo, não praticar atividades sexuais nem comer comidas com sal, podendo o baobá apodrecer e morrer, segundo os ritos. Tais atos expõem a relação com o sagrado que tem o baobá.



Figura 03: Flor do baobá.

Fonte: **Bioma urbano – respire essa ideia** [blog]. Disponível em:

<<http://projetobaoba.blogspot.com.br/2012/01/flor-do-baoba-flor-de-baoba-adansonia.html>>
Acesso em 15/11/2017.

O ponto de partida da presente pesquisa surge da análise de como o baobá é representado e os significados socioculturais que carrega, em *O embondeiro que sonhava pássaros*, conto³ escrito por Antônio Emílio Leite Couto, conhecido como Mia Couto, escritor e biólogo nascido em Moçambique. Foi publicado originalmente em Portugal, em 1990, no livro *Cada homem é uma raça*, pela Editorial Caminho. No Brasil, foi publicado em 2013 pela Companhia das Letras, e posteriormente, com novo modelo de capa, em 2016 pela mesma editora. Vale salientar que não é a única produção do autor em que o baobá aparece, pois tal árvore é presente no cenário moçambicano. O conto é narrado a partir de Moçambique, então é válido destacar que no país são falados muitos dialetos, assim, o baobá tem várias denominações, dentre as quais são mais conhecidas: embondeiro e imbondeiro, mas também são usadas as designações de “Ximuio, Ximuo, Xibuio, Nonde e Mulapa” (AMARAL e MACHADO, 2014, p. 39).

As formas de colonização por parte dos europeus trouxeram consigo o intuito de desterritorialização dos colonizados, com tentativas de demonstrar a suposta superioridade europeia nas formas de organização e regimento da vida. Em Moçambique isso não foi diferente, as marcas da colonização perduram. Um dos fatores que colaboram é o fato de a independência do país só ter sido alcançada em 1975, passando posteriormente por anos de guerra civil, para então conseguir um acordo de paz. A independência foi conquistada após anos de luta, sob a liderança da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Mia Couto, homem branco e moçambicano, apesar de sua cor não ocupa o lugar de colonizador, ao se envolver com a luta pela independência de seu país, como expõe Tedesco (2008) que com “a Independência Mia Couto abandona o curso de Medicina e se engaja na construção do novo país: foi diretor da Agência de Informação de Moçambique, da revista Tempo e do Jornal *Notícias de Maputo*” (p.12). Posteriormente, surge a tentativa de desenvolvimento através de um projeto socialista, a guerra civil se expande também para a zona rural moçambicana e, em 1984, o país é afetado por uma severa crise econômica (TEDESCO, 2008). A luta anticolonial não termina com a proclamação da independência de Moçambique, em 25 de junho de 1975, pois ao haver a ruptura política deveriam existir práticas de mudança

³ Para Hélio Pólvora (2002), embora o conto tenha muitas definições, pode-se dizer que “é uma narrativa ficcional, de reduzidos limites em relação ao romance e à novela, umas vezes de teor anedótico, outras vezes de teor espectral, ora intimista e nutrido de silêncios, ora de narração objetiva e perversa, e não raro de conteúdo impressionista [...]. Pode ter meia página, uma página ou trinta mil palavras. Quanto à forma de armá-lo, há os que se aproximam do *sketch* teatral e os que preferem dar-lhe tessitura de poema”; “por mais breve que seja, deve ser uma ficção e, portanto, plasmado no imaginário – do contrário, renegaria o seu nome, o seu conteúdo imortal” (p. 15-16; 18).

social, o que não ocorreu de imediato (PAREDES, 2014). A historiadora Maria do Carmo F. Tedesco lembra sobre as fortes marcas deixadas pela guerra civil em Moçambique, que “apresenta-se como evento típico do pós-colonialismo, constituindo uma ruptura que faz repensar tanto o próprio processo histórico como o instrumental teórico para sua interpretação” (TEDESCO, 2008). A literatura do período colonial no país trazia tais enfoques inferiorizantes e discriminatórios da cultura local, colocando “em foco uma visão etnocêntrica, quer dizer, nesses textos o que ficava subjacente era a crença na superioridade de um olhar de pessoas que, imaginariamente, viriam de ambientes culturais muito mais desenvolvidos para meios primários e incipientes” (MAGALHÃES, 2014, p. 417).

Ao chegar a Moçambique, os colonos usavam estratégias para ganhar poder sobre os nativos, utilizavam o sistema de “povoamento”, descrito pelo historiador José Capela, com o intuito de fazer permanente a soberania europeia sobre os povos negros que ali habitavam. Outro ato de preconceito colonizador é enfatizado na descrição das relações sexuais e/ou afetivas dos homens com as mulheres negras. Em determinado momento tais relações só existiam na falta de mulheres europeias, e na maioria das vezes os colonos se relacionavam com as escravas moçambicanas, mas não concediam sua alforria, mesmo que a relação fosse duradoura, pois o fato de serem negras era intrínseco à ideia de inferioridade (CAPELA, 2010). O dualismo entre o Eu e o Outro permeava a organização social, existindo a hierarquização de culturas, sendo a do colonizador vista como superior, como descreveu José Luís Oliveira Cabaço:

na sociedade colonial em África estarão, frente a frente, bem demarcados, não só “branco e preto”, “indígena e colonizador”, mas também “civilizado e primitivo”, “tradicional e moderno”, “sociedade com história e sociedade sem história” [...], todos eles conceitos marcados pela hierarquização, em que uns se apresentam como a negação dos outros (CABAÇO, 2007, p. 38).

No conto em análise, tais traços de inferiorização da pessoa negra por parte dos colonos portugueses aparecem a todo o momento ao se referirem ao vendedor de pássaros, personagem negro: “aquele preto quem era? Alguém conhecia recomendações dele? Quem autorizara aqueles pés descalços a sujarem o bairro? Não, não e não. O negro que voltasse ao seu devido lugar” (COUTO, 2013, p. 64). Ou quando a beleza e o canto dos passarinhos vendidos pelo negro eram tantos que incomodava os colonos: “Ou culpado seria aquele negro, sacana, que se arrogava a existir ignorante dos seus deveres de raça? O comerciante devia saber que seus passos descalços não cabiam naquelas ruas” (COUTO, 2013, p. 66). Em um ritmo contrário aos escritos da época da colonização, agora em Moçambique se aproximando

da independência, Mia Couto traz seus escritos que questionam os preconceitos de raça e enaltecem a cultura africana, conferindo a ela novos significados.

2.1. Ultrapassando preconceitos de raça: árvore que transcende

O enredo do conto apresenta a história de um vendedor de pássaros, como é nomeado, o passarinho, que todos os dias caminhava pelos bairros dos brancos com suas aves que encantavam as pessoas com a beleza de suas penas e de seus cantos. Tiago, personagem que é filho de colono, se afetua pelo passarinho e o acompanha até sua morada: o tronco oco de um embondeiro. E conta em casa suas descobertas acerca da árvore, que era muito sagrada, pois fora plantada de cabeça para baixo: “aquela árvore é capaz de grandes tristezas. Os mais velhos dizem que o embondeiro, em desespero, se suicida por via das chamas. Sem ninguém pôr fogo”. Tal relato causa indignação no pai do menino que, com sua visão preconceituosa, exclama: “Vejam só o que o preto anda a meter na cabeça desta criança” (COUTO, 2013, p. 64 - 65). Os colonos incomodados com a presença do vendedor negro “ignorante dos seus deveres de raça” em bairro de brancos decidem ir ao encontro dele, violentando e aprisionando-o. Na manhã seguinte, espantosamente o vendedor de pássaros desaparece, e o menino segue para o embondeiro à sua procura. Os colonos, imaginando ser o negro dentro da árvore, ateam fogo e o menino ao mesmo tempo em que é queimado, começa a fazer parte da planta.



Figura 04: *O vendedor de pássaros* (2001), representação em tapeçaria de recorte, baseada em *O embondeiro que sonhava pássaros*, produzida por Dinorá Bohrer da Silva.

Fonte: **Maria Rita na África** [site]. Disponível em:

<<http://www.mariarita.com.br/africa/not1.htm>> Acesso em 15/11/2017.

O significado da planta enquanto símbolo remete à transcendência, ao caráter cíclico conferido à nossa vida, e também, ao modo como criamos raízes, que está ligado à ancestralidade. Assim, por um lado, temos Agripina Encarnacion Ferreira, que traz a seguinte afirmação: “o ser humano, como a árvore, possui raízes que o fixam às profundezas sombrias da terra e, como espírito e luz, alteia-se no ilimitado espaço azul infinito” (FERREIRA, 2013, p. 29). Corroborando com tal ideia, por outro lado, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant em seu *Dicionário dos símbolos*, obra de grande importância no estudo da simbologia, dizem que a árvore é “símbolo de la vida en perpetua evolución, en ascención hasta el cielo, evoca todo el simbolismo de la verticalidad [...] sierve también para simbolizar el carácter cíclico de la evolución cósmica: muerte y regeneración” (CHEVALIER E GHEERBRANT, 1986, p. 118). Tiago, no conto, ganha raízes e transcende ao ser queimado dentro do embondeiro:

As tochas se chegaram ao tronco, o fogo namorou as velhas cascas. Dentro, o menino desatara um sonho: seus cabelos se figuravam pequenitas folhas, pernas e braços se madeiravam. Os dedos, lenhosos, minhocavam a terra. O menino transitava de reino: arvorejado, em estado de consentida impossibilidade. [...] Então, o menino, aprendiz da seiva, se emigrou inteiro para suas recentes raízes (COUTO, 2013, p. 71)

A flor do baobá, geralmente aparece durante uma única noite, entre os meses de maio a agosto (LUCENA, 2009). Em Chevalier e Gheerbrant (1986), a flor em sua simbologia corresponde a um estado espiritual, a floração é o retorno ao centro, resultado de uma alquimia interior, manifesta a diversidade do universo e faz mediação entre os deuses e os homens. No conto, a flor tem conotação espiritual. Ao saber que seu pai, juntamente com os demais colonos estava a preparar um ato de vingança contra o passarinho, Tiago vai ao encontro deste, a fim de alertá-lo, no entanto, o velho demonstra tranquilidade e narra a lenda: “aquela flor era moradia dos espíritos. Quem que fizesse mal ao embondeiro seria perseguido até o fim da vida” (COUTO, 2013, p. 68). Em seguida, surgiram os colonos e se iniciou a sequência de pancadas no velho, que embora sangrasse muito, parecia não sofrer. Em consequência de tal violência, “as flores do embondeiro tombaram, pareciam astros de feltro. No chão, suas brancas pétalas, uma a uma se avermelharam” (COUTO, 2013, p. 69). Ao fim do conto, as flores ressurgem e novamente mudam de cor, de acordo com o destino do passarinho, agora liberto. A significação das flores também tem relação com suas cores, que revelam tendências psíquicas, conforme Chevalier e Gheerbrant (1986), a cor vermelha tem simbolismo sanguíneo. O menino ao regressar ao embondeiro “olhou o chão coberto de pétalas. Já vermelhas não estavam, regressadas ao branco originário”, as flores em contato

com o passarinho sempre sofriam mutação: “e do sonâmbulo embondeiro subiam as mãos do passarinho. Tocavam as flores, as corolas se envolviam: nasciam espantosos pássaros e soltavam-se, petalados, sobre a crista das chamas” (COUTO, 2013, p. 70-71). As flores então, também transcenderam, por sua vez, em forma de pássaros, explicação para tamanha beleza de tais pássaros jamais vistos pelos colonos.

2.2. Existências que alegam

A partir das ideias de afeto transcritas ao longo das obras de Nietzsche e Spinoza, podemos perceber que a palavra afeto está para além de sentimentos. Os sentimentos, seriam os afetos nomeados. Nesse sentido, os afetos são aquilo que nos toca, que nos afeta, seja de forma positiva ou negativa. Para Spinoza, o termo *conatus* seria um esforço pelo qual cada coisa procura preservar na existência, e a partir dessa noção ele identifica essência e potência de existir, agir e pensar, sendo a potência um certo poder de afetar e ser afetado. Ou seja, a partir da intenção de preservar algo, são colocadas em questão as potências que nos movem. Nietzsche apresenta o corpo como uma estrutura social de afetos e impulsos, que estão em constante luta para aumentar sua potência (MOREIRA, 2010). Todo corpo afeta e pode ser afetado, ao ser afetado positivamente ele expande, e ao ser afetado negativamente o corpo contrai. O baobá, enquanto elemento sagrado, potencializa a existência de muitas pessoas ligadas à ancestralidade e às formas de ressignificação da vida a partir da planta.

O amor é uma “alegria acompanhada de excitação, que pode ser má, pois ocorre quando uma parte do corpo é mais afetada que as outras e a potência desse afeto supera as outras ações do corpo, impedindo que ele seja afetado de outros modos” (Spinoza apud Moreira, 2010, p. 152). Pode existir a interpretação de que Tiago, no conto, foi levado por um sentimento amoroso pelo passarinho e por isso não conseguia desvincular-se dele, ou ter o pensamento igual ao das demais pessoas do bairro. Ou seria o embondeiro que causara tal efeito no garoto? O sentimento causado nas crianças do bairro, por encantamento pelo passarinho, era o de esquecimento do comportamento exigido por seus pais, elas “se tornavam mais filhos da rua que da casa. O passarinho se adentrara mesmo nos devaneios deles: ‘Faz conta que eu sou vosso tio’. As crianças emigravam de sua condição, desdobrando-se em outras felizes existências. E todos se familiavam, parentes aparentes” (COUTO, 2013, p. 66). Sempre que o vendedor passava no bairro “os meninos inundavam as

ruas. As alegrias se intercambiavam: a gritaria das aves e o chilreio das crianças” (COUTO, 2013, p. 63), a euforia causada pelo vendedor era grande.

Tiago, que ganha destaque no enredo, desobedecia mais que as outras crianças, com sua dedicação ao passarinho. “Despertava cedo, colava-se aos vidros, aguardando a chegada do vendedor. O homem despontava e Tiago descia a escada, trinta degraus em cinco saltos. Descalço, atravessava o bairro, desaparecendo, junto com a mancha da passarada” (COUTO, 2013, p. 64), para desespero dos pais dele, que não queriam que o garoto se misturasse com o negro por considerá-lo de uma raça inferior. Tiago, não se importando com as advertências dos pais, ao saber da trama para dar um fim no passarinho, foge em direção ao embondeiro para alertá-lo, era grande sua preocupação, “nunca aquele homem lhe tivera tanto valor” (COUTO, 2013, p. 68). Ao perceber que o velho não fugiria, ficou inquieto, temendo por sua vida, e ao entender que não convenceria o velho a fugir, olhou para a enorme árvore, como quem pede proteção. Seu apreço pelo vendedor era tão grande que ao ver as flores do embondeiro ficarem vermelhas, sem hesitar seguiu os colonos que o machucaram até o calabouço onde seria preso. Ali, já não conseguia sentir felicidade alguma, “o mundo se despojara das belezas. E, no céu, tal igual ao embondeiro, já nenhuma estrela envaidecia” (COUTO, 2013, p. 69). Mais uma vez o embondeiro é representado com sua importância simbólica quando Tiago ao perceber que o vendedor fugira do calabouço decide voltar à árvore, pois “outro paradeiro para ele já não existia. Nem rua nem casa: só o ventre do embondeiro” (COUTO, 2013, p. 70). O passarinho e sua casa causavam alegria no menino ao ponto dele deixar qualquer coisa de lado para estar em sua companhia. Afinal, o embondeiro que é morada da grandiosidade, do sagrado, das raízes ancestrais e dos espíritos, não poderia causar efeito menor em quem se deixa afetar por todas as suas maravilhas.

O embondeiro causou muito incômodo aos colonos, ele os afetou de uma forma negativa, pela carga de preconceitos que havia neles. Ao observar tantas aves bonitas que o passarinho vendia, os colonos quase que cediam a seus encantos, mas de imediato concluíam que não merecia mérito algum: “o tipo dormia nas árvores, em plena passarada. Eles se igualam aos bichos silvestres” (COUTO, 2013, p. 65). Mas afirmavam que era difícil resistir às cores e cantos dos pássaros, que parecia coisa de outro mundo. Assim, o vendedor causava um misto de afetos nas pessoas. No entanto, a falta de dosagem fez com que o preconceito e a ira se sobressaíssem quando veio a vontade de feri-lo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão das permanências e mudanças acerca dos resquícios da colonização europeia necessita existir, pois os investimentos colonizadores deixaram marcas em todos os lugares que foram tomados como colônias. Foi-nos possível perceber a contribuição do baobá no cenário africano como componente de resistência cultural aos investimentos europeus, a partir da obra literária analisada.

A partir do intuito de ressignificar os sentidos conferidos à sociedade africana, foi possível perceber a importância do baobá para o fazer historiográfico. Elemento contribuinte para a composição da historicidade africana, a árvore sagrada traz consigo a necessidade de reflexão acerca das características culturais que são denominadas ao continente africano. Ao entender o baobá como componente do sagrado, da ancestralidade, foi possível ampliar a visão sobre a cultura moçambicana ao longo da trajetória de luta e resistência do país mediante as consequências da colonização.

Ao analisar um conto, tornamos interdisciplinar o fazer historiográfico, percebemos o espaço representativo de um símbolo como o baobá, e significamos sua importância para todo um grupo, sejam os leitores, ou os grupos narrados no entorno dos escritos de Mia Couto. Ao pluralizar o objeto historiográfico, discutimos a necessidade do afeto para a construção escrita, mesclando o cientificismo acadêmico com o sentir do narrador, no meu caso, historiadora.

Ao afetar-nos com um corpus nos debruçamos a ele com um olhar mais múltiplo, ampliando o campo do olhar sobre as fontes, notando-as com um pensar mais aberto a sentir, entre o parcial e imparcial, nos fazendo compreender a história enquanto arte e seu fazer como influenciador de sentimentos que possibilitem o "respirar fundo" comum em romances, assim percebendo os momentos históricos.

Portanto, visualizamos o ato de sentir como fator necessário para a construção historiográfica, compreendendo que não há como analisar/criticar/perceber um objeto/corpus de estudo sem partirmos de um lugar de si. E como se pretende falar do lugar do outro, nada mais justo que deixar-se ser afetado por seus afetos.

AFFECTION AS PRODUCE IN BAOBAB'S REPRESENTATIVENESS: ANALISING
THE SHORT STORY *THE BIRD-DREAMED BAOBAB* OF MIA COUTO

ABSTRACT

From an dialog between History and Literature, the following work aims to identify the representation ways of baobab and the affections connected to it, in the literary work of mozambican writer Mia Couto, *The bird-dreaming baobab* (2013), which is enveloped by sociocultural values from Mozambique. Therefore, we will start from a historical analysis of the colonizing aspects present in the plot of the work, identifying the bases on which colonialist thoughts were formed that constructed a inferior image of the native peoples of the African continent, as well as the marks left by the late independence of Mozambique, an aspect that also permeates the context of the work. It is known that the baobab is enveloped by the relationship with the sacred and with the ancestry, thus, we will explain the forces of which the tree is possessor. We will make a brief analysis of the symbology that involves words, and which gives meanings to them. It is understood the need of the affection for the written construction, existing the visualization of the act of feeling as necessary for the historiographic construction, that always part of a social place of speech.

Keywords: History and Literature. Baobab. Ancestry. Mia Couto.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

COUTO, Mia. Official Website. Disponível em: <<http://www.miacouto.org/biografia-bibliografia-e-premiacoes/>> Acesso em 27/09/2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da História. Bauru: Edusc, 2007.

AMARAL, Marise Basso; MACHADO, Clara de Carvalho. Um pé de cultura e de milho, angico, mangaba e baobá. **Textura**. n. 30, p. 26-43, Canoas, jan./abril. 2014.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Universidade de Barcelona**. n. 19, Espanha, 2002.

CABAÇO, José Luís de Oliveira. **Moçambique**: identidades, colonialismo e libertação. 2007. 475f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CAPELA, José. **Moçambique pela sua história**. Centro de estudos africanos da Universidade do Porto: Portugal, 2010.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Diccionario de los símbolos**. Traducción de Manuel Silvar y Arturo Rodríguez. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para que?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COUTO, Mia. O embondeiro que sonhava pássaros. In: **Cada homem é uma raça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 59-71.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FERREREIA, Agripina Encarnacion Alvarez. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos**. Londrina: Eduel, 2013.

LORIGA, Sabrina. O eu do historiador. **História da historiografia**. n.10. Ouro Preto, dezembro/2012, p. 247-259.

LUCENA, Francisco Carlos de. Uma etnografia dos significados da Louvação a Baobá: sentidos da África no Brasil. **Revista África e Africanidades**. Ano.2.n.5. Quissamã, RJ, maio/2009.

MAGALHÃES, Alessandra. Literaturas em diálogo com a história e a política. In.: **África no mundo contemporâneo: estruturas e relações**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p. 415-457.

MOREIRA, Adriana Belmonte. Nietzsche e Espinosa: fundamentos para uma terapêutica dos afetos. **Cadernos Espinosanos**. n.24. São Paulo, 2010.

PAREDES, Marçal de Menezes. A construção da identidade nacional moçambicana no pós-independência: sua complexidade e alguns problemas de pesquisa. **Anos 90**, n.40, Porto Alegre, dezembro.2014, p. 131-161.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História cultural**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PÓLVORA, Hélio. **Itinerários do conto**: interfaces críticas e teóricas da moderna *short story*. Ilhéus: Editus, 2002.

RASHFORD, John. Africa's baobab tree: why monkey names? **Journal of Ethnobiology**. 14(2)173-183. South Carolina, EUA, 1994.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. Tradução de Lúcia Haddad. **Projeto História**, n.16, São Paulo, fevereiro.1998, p. 297-325.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2005.

TEDESCO, Maria do Carmo Ferraz. **Narrativas da moçambicanidade**: os romances de Paulina Chiziane e Mia Couto e a reconfiguração da identidade nacional. 2008. 228f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

WALDMAN, Maurício. **O Baobá na paisagem africana**: singularidades de uma conjugação entre natural e artificial. Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo. São Paulo: CEA-USP, 2011.

WOTLING, Patrick. As paixões repensadas: axiologia e afetividade no pensamento de Nietzsche. Tradução de Ivo da Silva Júnior. **Cadernos Nietzsche**, n.15, São Paulo, 2003.